



# Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 2

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

**Atena**  
Editora

Ano 2019

**Willian Douglas Guilherme**  
(Organizador)

**Investigação Científica nas Ciências  
Humanas e Sociais Aplicadas  
2**

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I62 Investigação científica nas ciências humanas e sociais aplicadas 2  
[recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. –  
Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Investigação  
Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-268-5

DOI 10.22533/at.ed.685191604

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades – Pesquisa –  
Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 370.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Os artigos organizados neste livro retratam o objetivo proposto de demonstrar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica nas áreas da Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente a educação, a administração e o direito.

O livro “Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” está organizado em 03 volumes. Este 2º volume reúne um total de 24 artigos, sendo na 1ª parte, 10 artigos voltados especificamente para as Ciências Humanas, com destaque especial à educação e tecnologias, história, políticas públicas para a educação, estudos de casos, uso da internet na educação e saúde docente.

E na 2ª parte, voltada às Ciências Sociais Aplicadas, temos 10 artigos que irão discutir temas como consultorias, gestão de clima organizacional, formação de empreendedores, estudos de casos, tecnologia e empreendimento, marxismo, turismo e Libras, seguidos por mais 04 artigos que apresentam debates e resultados dentro do contexto jurídico com temas como a análise da legislação trabalhista e do Código de Ciência, Tecnologia e Inovação, discussão sobre a linguagem jurídica e politização do judiciário.

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas federais e estaduais, distribuídas entre 10 estados, com destaque para as regiões norte e nordeste, que mais contribuíram neste 2º volume.

Assim fechamos este 2º volume do livro “Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, socializando resultados de pesquisas e inovações e dando continuidade a disseminação do conhecimento.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A BIBLIOTECA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PORTO VELHO (RO): CONDIÇÕES DE INSTALAÇÃO E FUNCIONAMENTO	
<i>Zillanda Teixeira Rodrigues Stein</i> <i>Kétila Batista da Silva Teixeira</i> <i>Jussara Santos Pimenta</i>	
<b>DOI DOI 10.22533/at.ed.6851916041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
ANÁLISE DA EFICIÊNCIA NOS GASTOS PÚBLICOS COM EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL NOS COLÉGIOS MILITARES DO EXÉRCITO EM 2014	
<i>Tarso Rocha Lula Pereira</i> <i>Gilberto Magalhães da Silva Filho</i> <i>Marke Geisy da Silva Dantas</i>	
<b>DOI DOI 10.22533/at.ed.6851916042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
FILOSOFIA DA CIÊNCIA, CURRÍCULO E FORMAÇÃO DOCENTE NA ÁREA DE CIÊNCIAS NATURAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO	
<i>Januário Rosendo Máximo Júnior</i> <i>Meirecele Calíope Leitinho</i>	
<b>DOI DOI 10.22533/at.ed.6851916043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
DOCÊNCIA E TECNOLOGIAS DIGITAIS: DESENVOLVIMENTO DE MATERIAIS AUTORAIS DIGITAIS EDUCACIONAIS	
<i>Gabriela Teles</i> <i>Thayana Brunna Queiroz Lima Sena</i> <i>João Ítalo Mascena Lopes</i> <i>Paloma Lopes de Melo</i> <i>Robson Carlos Loureiro</i> <i>Luciana de Lima</i>	
<b>DOI DOI 10.22533/at.ed.6851916044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
AS CAMADAS DE MEMÓRIA DO CAMPUS DA ESDI E SEUS ANTECEDENTES	
<i>Romulo Augusto Pinto Guina</i> <i>Karolyne Linhares Longchamps Fonseca</i> <i>Yasmin Machado Oliveira</i> <i>Aline d'Able de Barros</i> <i>Fafaella Vieira Cardoso</i>	
<b>DOI DOI 10.22533/at.ed.6851916045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
O CONTEXTO DAS POLÍTICAS DE VALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO E APRENDIZAGEM DA DOCENCIA NA HORA-ATIVIDADE DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
<i>Maria Zenilda Costa</i> <i>Karine Kévine da Rocha Sousa</i>	

*Lara Crisley Alves Domingues*

**DOI 10.22533/at.ed.6851916046**

**CAPÍTULO 7 ..... 75**

O USO DO FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE ENSINO. EXPERIÊNCIAS DA MONITORIA DE REDAÇÃO PUBLICITÁRIA I E II

*Clara Larissa Sales Maia*

*Ítalo Antônio Gonçalves Oliveira*

*Nicacio Ramon Braga Lira*

*Claudio Henrique Nunes de Sena*

**DOI 10.22533/at.ed.6851916047**

**CAPÍTULO 8 ..... 79**

DA DECADÊNCIA À REQUALIFICAÇÃO DO PARIS N' AMÉRICA

*Rafaela Guimarães Espinheiro*

*Simone de Nazaré Dias Pena Lima*

**DOI 10.22533/at.ed.6851916048**

**CAPÍTULO 9 ..... 85**

AXÉ ABASSÁ DE OGUM: O CULTO A OXUM E A LAGOA DO ABAETÉ

*Caroline Stender Moraes Santana*

*Fernanda Reis Pereira Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.6851916049**

**CAPÍTULO 10 ..... 102**

SAÚDE MENTAL DO PROFESSOR NO BRASIL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

*Estefanni Mairla Alves*

*Ruth Maria de Paula Gonçalves*

*Antônio Dario Lopes Junior*

**DOI 10.22533/at.ed.68519160410**

**PARTE II - CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**CAPÍTULO 11 ..... 118**

A INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA COMO FUNDAMENTO PARA A CONSULTORIA INTERNA

*Ana Sara Leite Santos*

**DOI 10.22533/at.ed.68519160411**

**CAPÍTULO 12 ..... 130**

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA GESTÃO DE CLIMA ORGANIZACIONAL EM UMA ONG

*Joema Vitória Rêgo Rocha*

*Francisca Fabiana Menezes Lira*

**DOI 10.22533/at.ed.68519160412**

**CAPÍTULO 13 ..... 138**

MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL – MEI: A FORMALIZAÇÃO DOS EMPREENDEDORES DO COMPLEXO ARTESANAL DE AQUIRAZ-CE

*Francisco Sávio de Oliveira Barros*

*Jéssica Maria Chaves Menezes*

**DOI 10.22533/at.ed.68519160413**

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>151</b>
COOPTANDO GESTÃO NA QUALIDADE DE VIDA: ECOEFICIÊNCIA COLABORATIVA NO AMBIENTE DE TRABALHO	
<i>Arnaud Velloso Pamponet</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
GESTÃO DAS AÇÕES EM ORGANIZAÇÕES DO TERCEIRO SETOR: UM ESTUDO DE CASO NA ONG POSTO DE PUERICULTURA SUZANE JACOB	
<i>Bruna Renata de Lima Gomes</i>	
<i>Marcela Lima do Nascimento</i>	
<i>Maria Carolina Araújo Rizzi</i>	
<i>Mara Águida Porfírio Moura</i>	
<i>Kelsen Arcângelo Ferreira e Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>177</b>
INTENÇÃO DE USO DE APLICATIVOS E A GERAÇÃO DE VALOR: INOVANDO NO RAMO DE LAVANDERIAS DOMÉSTICAS	
<i>Danilo Augusto de Souza Machado</i>	
<i>Rodrigo Lopes Nabarreto</i>	
<i>Luiz Silva dos Santos</i>	
<i>Debora Mendonça Monteiro Machado</i>	
<i>Leonel Cezar Rodriguez</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>196</b>
A TEORIA DO IMPERIALISMO MARXISTA DE LENIN NO CAPITALISMO DO SÉCULO XXI	
<i>Sinedei de Moura Pereira</i>	
<i>Alexandre Silva de Lima</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>205</b>
O PROGRAMA DE INCENTIVO AO DESLIGAMENTO VOLUNTÁRIO (PIDV) DOS EMPREGADOS DA PETROBRÁS NO CENÁRIO DAS EMPRESAS ESTATAIS BRASILEIRAS (2014 - 2017)	
<i>Beatriz Stefani Rosa de Moura</i>	
<i>Gerusa Coutinho Ramos</i>	
<i>Nathalia Carvalho de Lima Pessoa</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>220</b>
TURISMO DE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO: A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) PARA A HOTELARIA CARIOCA	
<i>Erika Conceição Gelenske Cunha</i>	
<i>Cícera Olinta da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160419</b>	

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>240</b>
GERAÇÃO Z E BABY BOOMERS: COM QUANTAS PEÇAS JEANS SE FAZ UM GUARDA-ROUPA?	
<i>Onnara Custódio Gomes</i>	
<i>Livia Lopes Custódio</i>	
<i>Thelma Valeria Rocha</i>	
<i>Vivian Iara Strehlau</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160420</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>246</b>
(DE)FORMAS NO SISTEMA JURÍDICO TRABALHISTA COM O ADVENTO DA LEI 13.467/17: ANOTAÇÕES CRÍTICO-ANALÍTICAS PAUTADAS NA RELAÇÃO CAPITAL VERSUS TRABALHO	
<i>Luana da Silva Dias</i>	
<i>Betânea Moreira de Moraes</i>	
<i>Pedro Hiago Santos Marques</i>	
<i>Francisco Ayslan Regino da Silva</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160421</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>260</b>
A LINGUAGEM JURÍDICA COMO BARREIRA AO EFETIVO ACESSO À JUSTIÇA: A NECESSIDADE DE APROXIMAÇÃO DA POPULAÇÃO DO PODER JUDICIÁRIO POR MEIO DE AÇÕES AFIRMATIVAS	
<i>Luís Henrique Bortolai</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160422</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>273</b>
A POLITIZAÇÃO DO JUDICIÁRIO BRASILEIRO E SUAS CONFLUÊNCIAS SOB O PRISMA DA PEC DA BENGALA	
<i>Vinicius Araújo Silva</i>	
<i>Michelle Asato Junqueira</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160423</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>289</b>
O CÓDIGO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO: AS INTERPRETAÇÕES JURÍDICAS POSSÍVEIS PARA OS AMBIENTES DE INOVAÇÃO BRASILEIROS DE NATUREZA PÚBLICA	
<i>Carolina Leite Amaral Fontoura</i>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.68519160424</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>311</b>

## A TEORIA DO IMPERIALISMO MARXISTA DE LENIN NO CAPITALISMO DO SÉCULO XXI

**Sinedei de Moura Pereira**

Unidade de Economia - Universidade Federal de Campina Grande – Paraíba

**Alexandre Silva de Lima**

Unidade de Economia - Universidade Federal de Campina Grande – Paraíba

**RESUMO:** O artigo examina e discute a hipótese de *O Imperialismo: fase superior* de Lenin como um referencial teórico pertinente para entender o capitalismo contemporâneo do século XXI. A metodologia consistiu numa revisão bibliográfica baseada no texto clássico supracitado e em autores marxistas que o analisaram criticamente sob o ponto de vista contemporâneo, bem como na análise evolutiva do imperialismo, levantamento de dados empíricos sobre o capital no século XXI, e conclusão crítica sobre o imperialismo marxista leninista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imperialismo; capitalismo contemporâneo; marxismo leninista.

**ABSTRACT:** The paper reviews and discusses the hypothesis of Lenin's "Imperialism, the Highest Stage of Capitalism" as a relevant theoretical referent to understand contemporary capitalism of the XXI century. Methodological approach consists in a bibliographical review based on the aforementioned classic text and

on Marxist authors who analyzed it critically from the contemporary point of view, as well as on the evolutionary analysis of imperialism. A collection of empirical data is also made on the capital in the 21st century, and a critical conclusion about the Marxist Leninist imperialism is elaborated.

**KEYWORDS:** Imperialism; contemporary capitalism; Leninist Marxism.

### 1 | INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é examinar e discutir criticamente a hipótese da Teoria do Imperialismo marxista de Lenin como um referencial teórico pertinente para entender o capitalismo contemporâneo do século XXI.

Segundo Harvey (2013), Hegel havia levantado uma interessante questão acerca de processos de transformação externa e interna, mas, ao mesmo tempo, não precisou, adequadamente, se a sociedade civil tinha capacidade de resolver permanentemente seus problemas internos através do processo de expansão espacial. E é a partir deste ponto que Karl Marx vai analisar a "transformação externa". Esta só é possível se conseguir suprir novos mercados e campos para a indústria à custa de recriar as relações capitalistas de propriedade e uma capacidade de apropriação

do trabalho excedente dos trabalhadores. Ademais, Marx entendia que o comércio internacional poderia cumprir o papel de neutralizador da suposta lei de tendência dos lucros decrescentes. Isto porque o comércio internacional e a exportação de capitais poderiam aumentar, certamente, a taxa de lucros de diversas maneiras.

A partir das análises de Marx sobre concentração e centralização da produção e do capital, bem como acerca do efeito da concorrência entre capitais que implicaria a eliminação dos mais débeis frente aos mais fortes, por conseguinte, proporcionando a emergência de um capitalismo monopolista e, ainda, que o colonialismo era expressão do estado de subordinação de países soberanos e de colônias formais aos Estados capitalistas dominantes, então, todo esse conjunto de análises marxianas exercera grande influência em muitos autores críticos acerca do capitalismo, segundo Foster (2007). É o caso, por exemplo, de Lenin, que escreveu o clássico livro *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*, em 1916, ensaio histórico e teórico que visou mostrar a realidade do desenvolvimento do mundo capitalista de seu tempo.

É claro que Estados nacionais ou seus prepostos praticaram ações imperialistas sobre povos ou nações antes do capitalismo. Usaram como recurso principal a violência para pilhar, dominar e conquistar povos e se apossar dos seus territórios.

No início do capitalismo, a natureza do imperialismo era a pilhagem de metais preciosos, o comércio negreiro, a colonização e os crescentes lucros mercantis. Todavia, foi Marx que analisou muito bem esse modo e afirmou que essas formas de dominação faziam parte de um processo histórico que ele denominou “A chamada acumulação primitiva”.

Na acumulação capitalista, contudo, principalmente no período da Segunda Revolução Industrial, o imperialismo sofre grandes transformações, é quando Lenin o define como “fase superior do capitalismo”.

Lenin sintetiza assim as principais características do imperialismo:

- i) Há aumento da concentração do capital e da produção a um grau tão elevado que criou os monopólios, que desempenham um papel decisivo na vida econômica;
- ii) Mudança da pequena para a grande indústria, com a fusão do capital industrial e o bancário, originando o capital financeiro. Aqui não existe mais o empresário frugal que participava da produção capitalista com seus próprios recursos, pois, agora, há uma oligarquia financeira;
- iii) O enorme aumento das exportações de capital financeiro, o que difere da exportação de mercadorias e que adquire uma importância relevante no capitalismo mundial;
- iv) Divisão dos mercados mundiais realizada pelos monopólios internacionais. Ou seja, há uma associação de formações internacionais monopolistas de capitalistas que repartem o mundo entre si;
- v) Divisão territorial do mundo, pela moderna colonização. Basta lembrar que na década de 1870 essa dominação estrangeira atingia 11 % do

território da África, 57% da Polinésia, 51 % da Ásia e 100% da Austrália. No final do século o percentual da África passou a 90%, o da Polinésia a 99% e o da Ásia a 57%;

vi) Criação da classe dos rentistas como produto da expansão do capital financeiro e da sociedade por ações (LENIN, 1987; CANO, 1996).

Este estudo é oriundo do Projeto de Pesquisa “A Teoria do Imperialismo de Lenin e o Capitalismo Mundial no Século XXI”, aprovado no âmbito da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG. A metodologia consistiu essencialmente numa revisão bibliográfica baseada no texto clássico de Lenin supracitado e em autores marxistas que o analisaram criticamente sob o ponto de vista contemporâneo.

## DESENVOLVIMENTO

Da análise sobre o imperialismo do liberal J. A. Hobson (HOBSON, 1981), Lenin concluiu que tal fenômeno se tratava de uma política adotada por diversas nações capitalistas e que a concorrência entre impérios se apresentava como uma noção essencialmente moderna no limiar do século XX.

A elaboração do conceito de dinâmica capitalista como desenvolvimento desigual e combinado foi também uma de suas contribuições teóricas: o capitalismo se move em razão de um processo contraditório e desigual, no qual se redistribui o poder internacional entre os Estados líderes expansionistas e colonialistas.

Assim, à medida em que a hegemonia inglesa declinava e, simultaneamente, ascendiam Estados Unidos, Alemanha e Japão, a periferia capitalista será cada vez mais disputada por se constituir um meio geográfico fornecedor de matérias-primas, de mercado para produtos industriais e de receptor de capitais (CARDOSO DE MELLO, 1997). É “nesta fase do capitalismo” que o imperialismo já se encontrava amparado na predominância do capital financeiro e em sua capacidade de intensificar a concorrência e produzir o monopólio. Portanto, em última análise, o capital financeiro se manifestará a partir daí na formação de enormes massas financeiras sob o mesmo comando capitalista e na emergência de uma oligarquia dominante composta de parasitas e rentistas (LENIN, 1987; BELLUZZO, 2002).

O imperialismo é uma época na qual os monopólios e a exportação de capital em combinação com a opressão colonial irão possibilitar a subordinação dos países periféricos aos países imperialistas, assim como o parlamentarismo será um instrumento político que permitirá à burguesia dos países centrais corromper certas camadas da classe trabalhadora industrial.

Enquanto capitalismo monopolista e fase concorrencial superior, o imperialismo também significará a constituição de uma relação imbricada e dialeticamente progressiva entre Estados e capitais. E isso é assim porque a concentração e centralização do capital ampliam necessariamente a escala da produção industrial e

da acumulação e, conseqüentemente, exige que cada país do centro capitalista passe a depender do apoio de seu Estado-Nação, portanto, de sua força bélica para defender seus interesses econômicos e, também, territorialistas, frente aos Estados capitalistas dominantes concorrentes. O fato é que a interseção entre a concorrência econômica e a geopolítica engendraram a eclosão de duas guerras mundiais intercapitalistas: a carnificina de 1914-1918 e a segunda rodada no período 1939-1945.

Após a derrota do nazismo e do fascismo, o enfraquecimento de duas grandes potências, Alemanha e Japão, a incontestável emergência da hegemonia estadunidense na forma de país detentor do padrão monetário ouro-dólar, do controle sobre o sistema financeiro internacional e do maior poder bélico mundial, a Revolução da China e a efetivação do projeto nacional de desenvolvimento capitalista da Coréia do Sul, e anseios sociais por justiça, por liberdade e democracia, que emergiram da crise estrutural do imperialismo – 1914-1945 – resultaram no processo de descolonização da África e da Ásia. A hegemonia dos EUA, por sua vez, colocou boa parte das novas nações independentes sob domínio estadunidense na forma de países dependentes ou neocoloniais.

A divisão do mundo em dois sistemas antagônicos, com a guerra fria, obrigou o imperialismo a fazer concessões e a praticar políticas de “ajuda” e reconstrução. Também é sabido que os Estados Unidos usaram sua hegemonia para estabelecer as instituições de Bretton Woods — o *General Agreement on Tariffs and Trade* (GATT), o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial — visando consolidar o controle econômico exercido pelos Estados centrais, e os Estados Unidos em particular, sobre a periferia e, portanto, todo o mercado mundial (FORSTER, 2003).

Todavia, a ordenação que emergiu de Bretton Woods se mostrou precária e insuficiente para dar conta do equacionamento financeiro e econômico para os países participantes da divisão do trabalho mundial.

A mundialização do capital é um processo que se inicia antes da crise estrutural do capitalismo de 1914-45, mas se consolidou após a II Guerra Mundial. Este fenômeno se torna irrefutável a partir da década de 1950, momento em que países do centro capitalista dão início ao processo de internacionalização pela via da transmigração de suas empresas e de seus bancos nacionais, na forma de filiais. Essa transmigração do capital produtivo e do capital financeiro acarretou dois efeitos: de um lado, maior controle sobre o mercado e as fontes de matérias primas dos países de regiões dependentes; de outro, uma relativa perda parcial de controle dos Estados nacionais sobre o capital industrial e o capital financeiro no movimento da economia mundial. Daí, tanto os países do centro quanto da periferia ostentam taxas elevadas de crescimento, ao tempo em que indicadores econômicos e sociais revelam melhorias reais relativas nos salários e nas condições de vida para a classe trabalhadora. É neste contexto que emerge o Estado de Bem-Estar como resultado das lutas dos trabalhadores e da tentativa de confrontar a expansão do campo socialista no pós-guerra. Este período encerrará seu ciclo na virada da década de 1960 para a década de 1970, e será

conhecido na literatura econômica como “os trinta anos gloriosos” do capitalismo no século XX.

É na década de 1970, contudo, que ocorre a baixa do ciclo econômico nos países centrais e o capitalismo mundial vai entrar novamente em crise e, assim, retomar sua visível face de fracasso econômico expresso na queda da rentabilidade do capital, desequilíbrios fiscais nos países ricos, *estagflação*, desemprego e, ainda, na chamada “crise da dívida externa”, imposta aos países capitalistas periféricos e na financeirização global.

O imperialismo, como forma de recuperar os níveis das taxas de lucros e da acumulação do capital, irá, doravante, assumir a forma ideológica de neoliberalismo. Este, por sua vez, de um lado, objetivará golpear a classe trabalhadora do mundo desenvolvido, ao envidar todos os esforços políticos do Estado para a quebra da espinha dorsal dos sindicatos, como forma de lograr erodir os ganhos conquistados de produtividade do trabalho; de outro, executará ofensiva na forma de um ataque frontal aos Estados nacionais já debilitados financeiramente, na pretensão de apresentar a forma ideológica de crítica à “ineficiência” administrativa e produtiva estatal, como se o mercado fosse um mecanismo que obtivesse a melhor alocação aos “fatores” e sempre se traduzisse em melhor eficiência.

Convém sublinhar que, em última análise, o que esse imperialismo essencialmente propõe e exige é a “financeirização” mundial. E, por isso, o império se metamorfosea de neoliberalismo como forma de proceder a supremacia da acumulação financeira sobre a acumulação produtiva real. Na prática, as ações básicas neoliberais que são levadas a cabo visam:

- a) reduzir o tamanho e poder dos estados nacionais. Na verdade, tem-se reduzido o tamanho do Estado nos países dependentes, mas, nos países centrais, tem ocorrido a redução da esfera produtiva em favor da esfera financeira do Estado.
- b) acelerar o emprego de conhecimentos disponíveis da ciência e tecnologia, bem como de novas descobertas;
- c) criar a fórmula neoprotecionista (no centro é neoprotecionista, contudo, deve ser livre comércio na periferia), com a constituição de espaços murados liderados pelos EUA (NAFTA), Alemanha e França (CEE) e Japão -“espaço asiático”. E assim o império tem promovido uma internacionalização do capital pela reconcentração e reestruturação produtiva do capital privado, pela mundialização financeira, pelo aumento do poder das empresas transnacionais e, ainda, pelo efeito da Terceira Revolução Industrial (CANO, 1996);
- d) finalmente, a desregulamentação financeira e a eliminação dos direitos trabalhistas.

Entre o último quartel do século XX e quase duas décadas do século XXI, a história econômica mundial registrou a grande crise do capitalismo dos anos 1970,

o abandono da ordenação internacional de Bretton Woods, a emergência do padrão monetário dólar flexível, o colapso da União Soviética e derrocada de grande parcela do socialismo real, a retomada da hegemonia estadunidense, e o equacionamento temporário de bolhas e crises cíclicas em países centrais e periféricos pela via do crédito, do endividamento e do capital financeiro. Novamente, o capitalismo se encontra em uma grande crise, isto é, sistêmica, a partir de 2007-2008 (HARVEY, 2014).

Não resta dúvida de que uma característica do capitalismo atual é a incontestável dominância do capital financeiro. Para ilustrar aqui este ponto, tomemos o caso da hegemônica economia dos Estados Unidos. Conforme se observa no gráfico abaixo, com dados do Banco Central Americano, que contextualiza a evolução da riqueza financeira e do PIB no período 1946-2012, se constata que a riqueza financeira (no conceito de capital fictício marxiano significa direitos contratuais sobre um fluxo de renda futuro) apresentava taxa de crescimento semelhante à do PIB nas décadas seguintes do pós Segunda Guerra Mundial. A partir da década de 1980, contudo, a riqueza financeira passa a crescer em ritmo superior e mais acelerado que o PIB, o que indica uma aceleração da concentração de renda e da riqueza a partir daí nos Estados Unidos e, também, em alguns outros países capitalistas centrais, e mesmo periféricos.

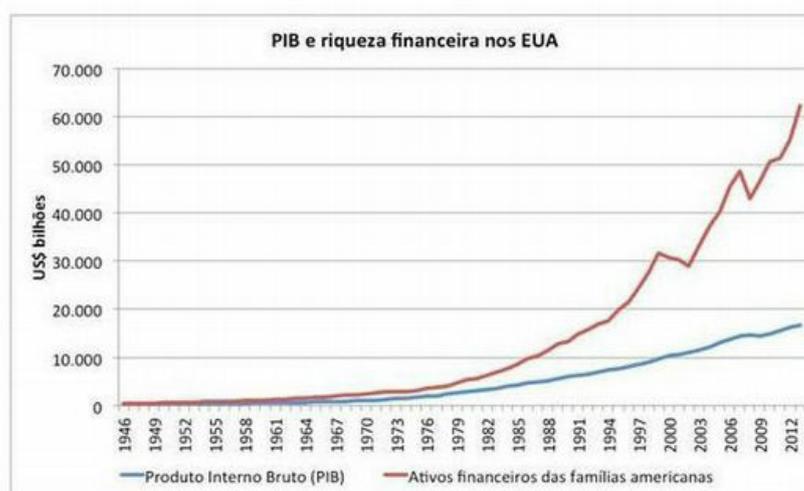


Gráfico 1. PIB e riqueza financeira dos Estados Unidos – 1946-2012

Fonte: FED/ROSSI

Essa ascendência da dominância do capital financeiro e relativo declínio do industrialismo no capitalismo mundial, também foi comprovado no trabalho de Ladislau Dowbor, ao demonstrar que 147 grandes corporações (75% delas financeiras) controlam hoje, sozinhas, 40% do PIB do mundo (DOWBOR, 2017).

Ademais, também mostrou, por exemplo, o predomínio do capital financeiro com

dados só com transações financeiras com “derivativos”, isto é, aquelas em que não ocorrem transações com mercadorias, mas tão somente índices (a taxa de inflação, o preço de uma moeda, a cotação de uma *commodity*).

Assim, baseado nos dados de Ladislau, o gráfico 2 abaixo mostra que, em 2013, as transações financeiras com “derivativos” alcançaram 710 trilhões de dólares ou 9,6 vezes o PIB mundial naquele ano. E o capital fictício teorizado por Marx, na forma de dívida pública mundial, em 2013, atingiu a cifra de 51,8 trilhões de dólares, portanto, dobrando de valor, quando comparado com o ano de 2003.

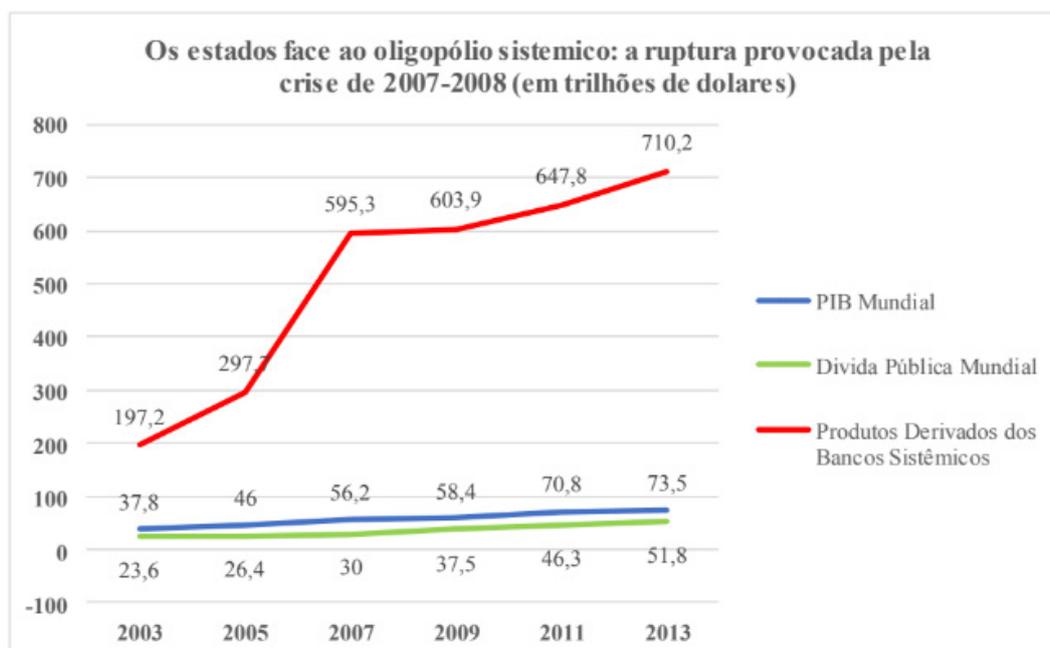


Gráfico 2. Fonte: François Morin, L'Hydre Mondiale: L'Oligopole Bancaire, 2015, p.36/ Dowbor, 2017.

Ao que nos parece, o capitalismo do século XXI, feito o imperialismo moderno teorizado por Lenin, segue tendo sua dinâmica ancorada na intensa exportação de capitais, articulado pelos monopólios nacionais dos países capitalistas centrais que, desse modo, garante à burguesia capacidade de elevar a taxa de exploração e, ao mesmo tempo, explorar espaços e economias capitalistas relativamente atrasadas, ou seja, países subdesenvolvidos e dependentes. Ademais, Lenin já havia observado que o capitalismo tem tendência à elevação da composição orgânica do capital, como teorizado por Marx, mas, nas condições vigentes do século XX, já se havia chegado a um novo nível, promovendo uma mudança qualitativa no capitalismo, que conferia centralidade e abrangência inusitada ao capital financeiro. A combinação dessas duas características explicava o capitalismo em sua dominação imperialista que se traduzia na elevação da coerção do trabalho a níveis extraordinários.

Uma relevante conclusão do estudo de Lenin é que a solução da tensão e da contradição entre o capital e o trabalho no imperialismo se encontra além do capitalismo (MARIUTTI, 2013). Portanto, é cristalino esse seu ensinamento de que a resolução desse problema pela classe trabalhadora passa necessariamente pela irrenunciável

luta pela superação do capitalismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo marxista, há, entretanto, dois autores que contestam a nossa hipótese de trabalho: Mészáros e Harvey.

A crítica de István Mészáros, no programa de entrevistas Roda Viva, é que o imperialismo de Lenin era caracterizado por uma multiplicidade de países e forças imperialistas rivais, tendo perdurado até a Segunda Guerra Mundial. Já para Harvey, no século XXI, o capitalismo contemporâneo se expande conjugando acumulação por espoliação e reprodução ampliada sob comando de uma potência, os Estados Unidos. O resultado tem sido a emergência de um imperialismo mundial estadunidense formal e orientado pelo militarismo, pelo unilateralismo, porém, destituído de lógica territorialista.

Vale ressaltar que, a partir da crise estrutural iniciada na virada da década de 1960 para a de 1970, começou um longo, gradual e seguro processo de declínio da hegemonia dos Estados Unidos.

## REFERÊNCIAS

BELLUZZO, L.G. Imperialismo e cosmopolitismo. Projeto DHnet, 2002.

CANO, Wilson. Notas sobre o imperialismo hoje. *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.3, 1996, p.132-135.

CARDOSO DE MELLO, J.M. "Prólogo". In TAVARES, M.C. e FIORI, J.L. (Orgs). *Poder e Dinheiro: uma economia política da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1997.

DOWBOR, Ladislau. A era do capital improdutivo. Outras Palavras, 2017.

FOSTER, Bellamy John. A nova era do imperialismo. Resistir. 2003. Disponível ([https://resistir.info/mreview/nova\\_era\\_do\\_imperialismo.html](https://resistir.info/mreview/nova_era_do_imperialismo.html)). Acesso: 04/12/2017.

----- . Marxismo e Imperialismo. João Aguiar entrevista. Odiário. Info. *Crítica Marxista*, 2007.

HARVEY, David. O Novo Imperialismo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

----- . Os limites do capital (1 ed.) São Paulo: Boitempo, 2013.

----- . Para entender O Capital: livros II e III. São Paulo: Boitempo, 2014.

HOBSON, J. A. Estúdio del imperialismo. Madrid: Alianza Universidad, 1981.

LENIN, Vladimir I. O imperialismo: fase superior do capitalismo. Tradução de Olinto Beckerman. 4. ed. São Paulo: Global, 1987.

MARIUTTI, Eduardo Barros Interpretações clássicas do imperialismo. Texto para Discussão. IE/ UNICAMP, Campinas, n. 216, fev. 2013.

MARX, Karl. O Capital. Os Economistas. Editora, Nova Cultural, 1986.  
MÉZÁROS, István. Roda Viva, TV Cultura, 2002.

ROSSI, Pedro. O Capital Fictício no Século XXI. Jornal do Brasil.02/05/2014.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Willian Douglas Guilherme** - Pós-Doutor em Educação, historiador e pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-268-5



9 788572 472685